

Silêncios

Desde o início da escrita deste trabalho, guardava comigo uma espécie de pergunta muda ressoando ao redor da minha tarefa. A pergunta, clara e ao mesmo tempo difusa, era a mesma pergunta que povoou meu personagem ao longo do trajeto aqui narrado: como terminar? Como terminar um trabalho sobre algo que não terminou, sobre um tema que permaneceu em aberto e que necessariamente eu deveria abrir mais ainda ao longo da pesquisa e da escrita? Como Oiticica, segui em frente e ignorei a resposta sabendo que, no caso desta tese, prazos e formatos fariam com que eu, em algum momento, tivesse que dar o “basta” que ele não pôde – ou não quis – dar. Isto não quer dizer que o corte abrupto dessa escrita de e sobre Oiticica seja uma conclusão. Em um trabalho deste tipo, concluir algo é uma certeza improvável. Aliás, em um trabalho como este, tentar fechar ou “explicar” algo é um erro. O escritor-leitor com seu não-livro passou o tempo inteiro dizendo – aos berros, como ele gostava de frisar aos amigos – que não se poderia acabar com o acabado.

Para trajetórias como as de Oiticica – em que cada dia era um novo dia de invenção e produção em progresso – confrontar de forma solitária seu gigantesco território de informações, teorias, confissões, contradições, excessos, *gossips* e poesia é necessariamente perder-se. Ao entrar por uma trilha qualquer desse vasto território, seus hipertextos e sua voraz apropriação não-especializada dos saberes e poderes nos remetem a uma miríade de possibilidades a se percorrer. Como consequência da perda de direção, ocorre a frustração em não dar conta de um cosmos que se vislumbra, mesmo de relance, mesmo entre brechas. Um cosmos que, caso outra pessoa possa explorá-lo, verá outras estrelas, outras supernovas, outras constelações. Lendo os textos aqui em anexo e outros textos inéditos de Oiticica que estão sendo lançados hoje em dia, tenho certeza de que qualquer leitor fará outras conexões que eu não fiz, encontrará outros desejos e obsessões que eu não vi, traçará outras transversais e linhas de fuga que, por ter um olhar enviesado e, porque não, viciado, eu não pude trilhar. O que quero dizer com isso é que este texto é uma

possibilidade dentre centenas, talvez milhares de outras possibilidades que essa obra aberta, potente, intimidadora e inconclusa nos apresenta. É o meu pedaço desse corpo que, incessantemente, pediu para ser consumido. Alguns caminhos abertos não foram percorridos em toda sua extensão. Apenas os aponte, como possibilidade de caminhadas futuras.

Ao invés de falar breve sobre essas muitas possibilidades e caminhos de trabalho, eu resolvi me debruçar sobre apenas um: a relação entre esse criador múltiplo e a literatura. Para isso, tracei três demarcações aleatórias que, no final das contas, são a mesma coisa. Ler, escrever e fazer um livro. Três demarcações que nada mais são do que movimentos do mesmo desejo de literatura, de fazer parte do universo do livro e da escritura. Tracei essas fronteiras de modo que, ao invés de dividirem, elas tensionassem essas demarcações fluidas. Daí a escolha do personagem-dobradiça barthesiano leitor-escritor/escritor-leitor para conduzir minha abordagem. Um personagem que conduz essas três frentes simultaneamente.

O que me interessou, desde o dia em que bolei a pesquisa e me preparei para a batalha de inventar e escrever uma tese sobre Oiticica, foi essa invasão completa da literatura na vida e em sua obra. Para acompanhar essa invasão (consentida, porém com batalhas e baixas ao longo dos anos), me coloquei na espreita dessa escrita-leitura. Colei minha escrita na fala de Oiticica. Deixei ao máximo ele mesmo descrever suas descobertas, deixei ele mesmo dizer e contradizer. Assim, procurei fazer do meu texto uma espécie de espiral sobre os textos aqui apresentados. Não busquei, é claro, *ser* ou *escrever* como Oiticica. Isso é tarefa para muitos poucos ou provavelmente para ninguém. O que busquei foi aplicar o método do próprio Hélio e fazer do meu trabalho uma espécie de *prolongamento* dessa obra. Na minha busca em estabelecer um diálogo crítico e criativo com o universo de Oiticica, investi nas vizinhanças e simultaneidades que a relação HO/escrita do Livro → Eu/escrita da Tese acarretavam a esse processo típico da literatura em (como Hélio) *escrever sobre outra escrita*.

Algumas vezes, talvez, tive que estar atento para não *escrever sob outra escrita*. Se há nessa escolha da escrita em espiral as vantagens de convivermos,

mesmo que textualmente, com a produção desse autor, há também a presença de uma armadilha. Ao colar em Oiticica, fico às vezes à mercê de suas auto-definições, de suas ilusões biográficas, de suas amarras conceituas. Meu trabalho na tese foi, muitas vezes, o de “soltar” essas amarras, tornando-as maleáveis, estendendo seus limites quando foi o caso. Poucos definiram e conceituaram tanto sua produção como ele. Poucos investiram tanto na constituição estratégica de um arquivo para “não tornar-se um engano”.

Ao acompanhar essa escrita, ao compartilhar com o leitor esses textos que não tornaram-se livros, também me coloco em outra armadilha. Essa, talvez, mais difícil de escapar. A tese, em um determinado momento, encontra um silêncio. Não o silêncio estratégico dos artistas que se retiram da Arte ou daqueles que rompem todos os limites na busca de representar o silêncio – silêncio como *decisão* ou como *punição*, nos termos de Susan Sontag. O silêncio aqui é uma espécie de abismo da idéia. Acompanhando os desdobramentos da idéia de “livro” na trajetória de Oiticica, nos deparamos com uma desistência, um cansaço prático e conceitual em planejar uma publicação definitiva como seria *Newyorkaises*. Após sintetizá-la em uma idéia teórico-espacial e metafísica (*Conglomerado*), Oiticica retorna ao Brasil e retoma com todo vigor seu trabalho plástico e performático. O “livro” dá lugar a eventos como *Klemania*, *Delírio Ambulatorium* e *Esquenta pro carnaval* e a obras plásticas inspiradas como *Rijanviera*, *Topological ready made landscapes* e seu *Magic Square*. O silêncio que lidamos sobre o livro é quebrado apenas quando Oiticica revela em suas entrevistas, mas sempre de forma breve, sobre ter uma publicação – ou várias – encaminhada. Geralmente, o *Conglomerado* torna-se a definição de todo o seu trabalho *escrito* em Manhattan. O silêncio de Oiticica sobre seu livro, isto é, o desacelerar desse motor da escrita, é justamente o silêncio de seu desejo pelo livro e pela literatura. De volta ao Rio, seu desejo espalha-se em novas frentes, em velhos espaços de prazer, em futuros e promessas de novas obras. O “livro” já havia sido “feito” em Manhattan. Por fim, *Conglomerado* torna-se, de fato, esse “livro” que Oiticica escreveu diariamente e que, somente agora, começamos a lê-lo, da forma

que quisermos, imaginando as conexões que quisermos, sem forma definida ou presença autoritária do autor. Exatamente como ele desejava.

II

Em 1978, Oiticica retorna ao Rio de Janeiro. A tão protelada e temida volta ao país no início de sua estadia em Manhattan torna-se um renascimento. Em cartas para Ted Castle e Leandro Katz, para Martine Barrat, para Olympio Vasconcelos e outros amigos bem próximos, HO ressalta a todos que a melhor coisa que ele fez foi voltar para o Rio. Amaldiçoa seus últimos dois anos em NY, o apartamento (“pocilga” e “horror show”) da Cristhopher Sreet, seu isolamento, sua saúde debilitada, seu vício em cocaína (de que tinha se livrado de vez), sua falta de apetite sexual etc. Em sua auto-narrativa, mostra-se um homem renovado, saudável de novo, caminhando na praia, fazendo ginástica, voltando à Mangueira, namorando toda noite, retomando projetos e trabalhos e se divertindo incrivelmente andando de ônibus em alta velocidade pelo Aterro do Flamengo. Publicamente, passa a ser entrevistado o tempo inteiro – apesar da *bitterness* em ser tratado como “filho pródigo” – e a escrever artigos para revistas de destaque como *Vogue*. Seu grande amigo Ivan Cardoso produz o filme *HO* e Hélio participa de filmagens de Bressane e outros cineastas. Em suma, Oiticica voltava a ser uma celebridade, estado que estava bem distante dele em NY.

Seus últimos anos em Manhattan envolveram uma série de eventos negativos que, além de afetar profundamente a vida pessoal de Oiticica, causaram esperas e desestímulos criativos para seu trabalho. Em 1974, seu loft na Second Avenue é assaltado e Oiticica passa a temer pela sua segurança. Rapidamente muda-se de lá. Seu novo apartamento, na Cristhopher street, coração do Village, também ganha um nome: para substituir o *babylonest* da Second Avenue, Hélio cria o HENDRIXST. Antes disso, ele já havia passado por problemas com a imigração decorrente de uma confusão envolvendo uma amiga sua e tráfico de drogas. Sua condição financeira estava cada vez pior, já que desde 1973 vivia sem a bolsa da Guggenheim e gastava muito com advogados na tentativa de obter seu

Greencard. O uso da “prima” torna-se constante e negociá-la foi uma possibilidade viável durante um breve período. Hélio também começa a ter problemas de saúde, pressão alta (causa de sua morte e um mal de família que já havia acometido outros parentes), e passa a fazer tratamentos alternativos, como shiatsu e sucos de algas. No fim de sua estadia, continuava trabalhando e escrevendo – sempre – porém desestimulado com alguns projetos que não foram à frente. Entre eles, sua publicação. O silêncio criativo de Hélio em relação a esse projeto, de certa forma, coincidiu com seu silêncio sobre o corpo, sobre o desejo. É por isso que em sua volta, após ter perdido essa potência de vida, a retomada dos aspectos físicos e sexuais – novamente, do desejo – é tão ressaltada por ele. No Rio, Hélio continuava sem dinheiro (e reclamava disso pelo baixo valor de seu trabalho no mercado brasileiro em comparação a outros artistas de sua geração), continuava vivendo em pequenos apartamentos no Leblon e sem garantias quanto aos seus trabalhos, mas ao menos voltava a se sentir vivo – e viável. Mesmo que por apenas dois anos.

III

Hélio permaneceu, até seus últimos dias, prometendo seu *Conglomerado*. Mesmo sabendo que a tarefa de publicá-lo permanecia gigantesca, ela certamente ganharia novos contornos em uma nova experiência carioca. Os novos “estados de invenção” que ele adentraria provavelmente fariam com que a publicação fosse cogitada, repensada, adiada e novamente arquivada. Em suas últimas entrevistas, o que podemos retirar das declarações de Oiticica é um sentido de urgência. Não em relação a uma “iminência da morte” ou coisa parecida, longe disso. Hélio se sentia mais vivo do que nunca. A urgência decorria do longo isolamento que ele sofreu em seus anos babilônicos. Lá, sua relação profunda, sua fala constante, sua “conversa infinita” não foi com a cidade, com os amigos, com a Mangueira ou com a crítica. Lá, sua relação profunda foi com a literatura. Hélio falava para todos os jornalistas e críticos que o entrevistavam em sua volta que tinha escrito muito em seu auto-exílio, que esses sete anos de seu trabalho eram como um ensaio para tudo que ainda vinha pela frente. E permaneceu deixando em progresso, ou seja, em expansão permanente, toda sua obra e sua trajetória intelectual. Sem olhar para trás, sem tentar resgatar uma época de

glórias ou reivindicar um local de liderança messiânica na cultura brasileira (como alguns críticos “oiticicanos” ou detratores ressentidos hoje em dia o colocam).

Hélio queria, continuava querendo, até o seu inesperado final, deixar seus trabalhos em aberto. Permanecia não tendo a obrigação de “acabar” com nada nem se remeter ao passado. Talvez aí residisse o cume de seu “livro” inconcluso e abundante. Por não olhar para trás, por ter a garantia de uma gaveta e de pastas atestando materialmente a feitura de “algo”, por não querer estar vinculado a uma idéia fixa e tradicional – o livro – ele preferiu deixá-lo como mais um caminho trilhado em aberto. Mais um Programa, um estado de invenção que, há qualquer momento, ganharia um novo capítulo.

Em uma de suas últimas entrevistas, ele define sua longa trajetória pessoal e criativa de uma forma narrativa, como uma história a ser contada: “tudo o que fiz até hoje foi o prólogo. O importante está começando agora”. Nesse prenúncio de um novo capítulo que, ironicamente, tornou-se o seu último, Oiticica nos confirma a frase de Barthes, mostrando-nos que, no seu caso “a vida nunca faz outra coisa senão imitar o livro”.